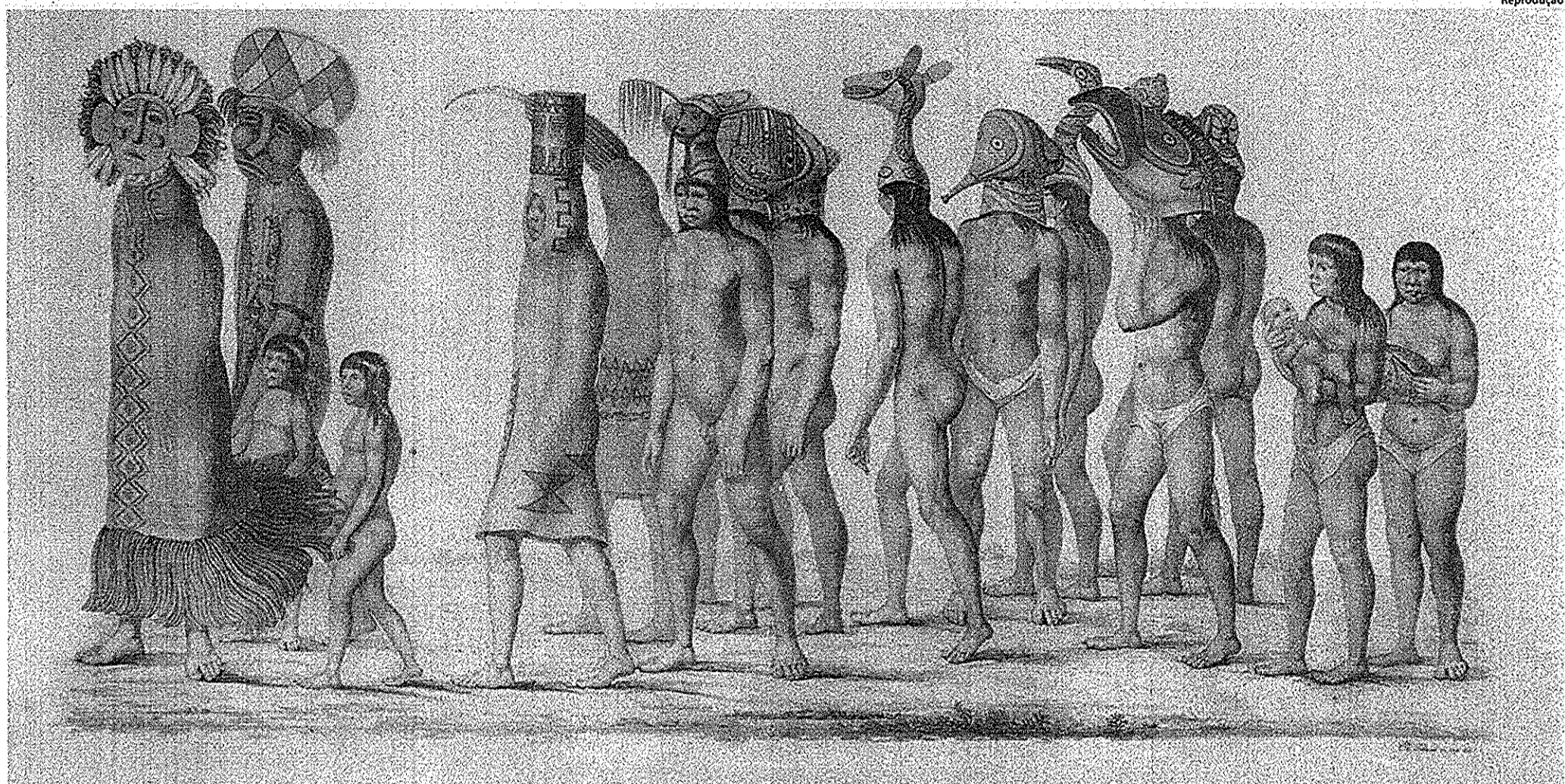


XAMANISMO



Reprodução
 "Préstitos Festivos dos Ticunas", ilustração do álbum de Von Spix e Von Martius "Atlas de uma Viagem ao Brasil"

Tão humanos quanto animais

O antropólogo Eduardo Viveiros de Castro antecipa o tema de sua palestra sobre o pensamento indígena no ciclo "A Outra Margem do Ocidente", da Funarte

EDUARDO VIVEIROS DE CASTRO
 especial para a Folha

A distinção entre corpo e alma desempenha um papel importante nas ontologias indígenas. Trata-se, porém, de algo diferente do dualismo entre matéria e espírito e das dicotomias correlatas que por tanto tempo serviram de balizas à reflexão ocidental: realidade e representação, fato e valor, natureza e cultura, universal e particular etc.

Diz-se que hoje tais balizas ruíram; teríamos ingressado em uma era pós-dicotômica. Pode ser. Resta que nossa vulgata cosmológica continue a veicular uma doutrina multiculturalista, fundada na unicidade da natureza e na multiplicidade das culturas — a primeira garantia pela universalidade objetiva dos corpos e das substâncias, a segunda gerada pela particularidade subjetiva dos espíritos e das representações. O relativismo (cultural) é indissociável do universalismo (natural).

O pensamento indígena inverte tal distribuição. Se somos multiculturalistas, os índios são multinaturalistas: eles postulam uma unidade transespecífica do espírito e uma diversidade dos corpos. A "cultura" ou o sujeito são a forma do universal, a "natureza" ou o objeto, a forma do particular.

É frequente encontrar, na etnografia das Américas, a noção de que diversos tipos de seres — sobretudo os animais e aqueles que chamaríamos "espíritos", mas também plantas, acidentes naturais etc. — são dotados de almas idênticas à humana, o que os torna sujeitos ou pessoas. Muitas culturas indígenas sustentam ainda que os animais, por exemplo, são gente como nós, debaixo de sua aparência corporal característica, e que é assim que eles se vêem: como seres anatômica e culturalmente humanos. Em contrapartida, os animais não nos vêem como gente, mas co-

mo animais ou espíritos. Cada espécie, assim, se vê a si mesma como humana e as demais como não-humanas — o que inclui nossa própria espécie.

As perspectivas cruzadas se aplicam igualmente ao mundo dos objetos: vendo-se como humano, cada ser vê as coisas com que interage sob a espécie da cultura (humana). Uma onça lambendo o sangue de uma presa se vê bebendo cauí de milho; as antas vêem o barreiro em que se espojam como uma grande casa cerimonial, e assim por diante.

Aparentemente, portanto, uma cosmologia relativista como as que conhecemos: cada espécie representa o mundo de um modo diferente. Na verdade, trata-se do oposto: cada espécie vê tudo da mesma maneira — o ambiente das onças e das antas é povoado das mesmas coisas que o humano. O que muda é o mundo que ela vê. Não são as representações que variam, mas as coisas: não os significados, mas os referentes.

Dotadas de um mesmo tipo de alma, as diferentes espécies são dotadas dos mesmos perceptos e conceitos, da mesma cultura. O que, então, produz as diferenças de perspectiva? Por que, sendo espiritualmente humanos, os animais não nos vêem como humanos, e como os humanos, vemos? Porque uma perspectiva não é uma representação. As representações são uma propriedade do espírito, mas o ponto de vista está no corpo.

Os animais vêem da mesma maneira que nós coisas diversas do que vemos porque seus corpos são diferentes dos nossos. Não estou me referindo a diferenças de fisiologia, mas aos afetos, afecções ou capacidades que singularizam cada espécie de corpo: o que ela come, como se move ou comunica, onde vive... O que chamo de "corpo", portanto, não é um conjunto de afecções ou modos de ser. O corpo como feixe de afecções e capacidades é a origem das perspectivas. Se concebemos uma continuidade física entre os corpos que ocupam o universo (todos compostos da mesma matéria), concebemos por outro lado uma descontinuidade metafísica: o corpo é o elemento do universal, o espírito responde pelo particular — distingue os humanos dos animais, as culturas entre si, um indivíduo do outro.

A etnografia indígena sugere o inverso: uma descontinuidade "física", corporal-afectual — nada a ver com a matéria, conceito ausen-

te das ontologias ameríndias — e uma continuidade metafísica, espiritual, entre os seres (consequentemente, se um de nossos problemas filosóficos maiores é o de conjurar o solipsismo, sua contrapartida indígena é o de controlar o excesso de comunicação entre os humanos e as outras espécies de sujeitos do universo).

Ao nosso par universalismo natural/relativismo cultural, os índios contraporiam, portanto, o par universalismo cultural/relativismo natural: uma unidade subjetiva aplicada a uma diversidade objetiva. Uma só cultura, múltiplas naturezas.

A idéia de um universo habitado por seres dotados de uma mesma forma de autopercepção é o fundamento do xamanismo. O xamanismo ameríndio pode ser definido como a capacidade demonstrada por alguns indivíduos (os xamãs) de atravessar deliberadamente fronteiras ontológicas — entre os humanos e as outras espécies, os vivos e os mortos, a terra e o céu — e de adotar a perspectiva das outras subjetividades existentes, com o propósito de negociar com elas o resgate de almas de humanos raptadas, a liberação de corpos de animais para serem caçados etc. O xamã interage com esses espíritos animais (ou outros) como se interagisse com humanos, pois os vê como eles se vêem.

O xamanismo é um modo de conhecimento guiado por um ideal diferente daquele que nos é mais familiar. Nosso modelo epistemológico de base (perdoem-me mais esta simplificação grosseira) é orientado pela categoria do objeto: conhecer é objetivar, é distinguir, no objeto, o que lhe é inerente daquilo que pertence ao sujeito, e que foi indevida ou inevitavelmente projetado no objeto. Trata-se então de dessubjetivar, explicitar a parte do sujeito no objeto para reduzi-la o quanto possível. Esse modelo se aplica ao próprio sujeito, quando este se toma como objeto de (re)conhecimento: ele se autoproduz (se reconhece) por meio do objeto que produz, e se conhece "objetivamente" quando é capaz de se ver como, justamente, um "isso". A forma do Outro é a coisa.

No xamanismo indígena, conhecer é personificar; é ser capaz de adotar o ponto de vista daquilo que se conhece, pois o conhecimento xamânico visa "algo" que tem uma perspectiva própria — um outro sujeito. A forma do Outro é a pessoa. Chamava-se isso, na tradição antropológica, de "ani-

mismo", pondo-se na conta do narcisismo primitivo e de sua incapacidade de distinguir o desejo subjetivo da realidade objetiva. Hoje parece claro que tal atitude, seja lá qual for sua base cognitiva "inata", está muito longe de ser "natural": ela mostra a positividade e a deliberação de um método. Os animais e outros seres não-humanos não são vistos espontaneamente como pessoas. É preciso saber personificá-los, e personificá-los para saber.

Note-se que o antropomorfismo indígena não poderia estar mais distante de um antropocentrismo: se muitos seres além dos humanos (para nós) são humanos (para si mesmos), então não somos assim tão especiais. Se quisermos exemplos de antropocentrismo, melhor buscá-los na tradição ocidental.

No Marx dos "Manuscritos", por exemplo: "Um animal só produz a si mesmo, ao passo que o homem reproduz o resto da natureza... Um animal forma as coisas de acordo com o padrão e as necessidades da espécie a que pertence, enquanto o homem sabe como produzir conforme os padrões de outras espécies". Os índios dizem que todos os animais são (potencialmente) humanos; Marx, que os humanos são (potencialmente) todos os animais. Quem é o narcisista?

O que vale para o conhecimento, vale para a ação. Nosso paradigma da ação é a produção, avatar antropológico da categoria bíblico-teológica da criação. O homem não apenas foi criado à imagem de Deus, mas cria à imagem deste: "produz". Depois que Deus morreu, então, ele se autoproduz à sua própria imagem. Mais uma vez, registre-se o contraste: a noção de criação, sobretudo "ex nihilo", é raramente tematizada pelas mitologias ameríndias. O processo fundamental ali é a transformação: as diferentes espécies naturais, por exemplo, são concebidas como metamorfoses de um substrato humano primordial: não é a cultura que prolonga e transcende a natureza, mas a natureza que se separa lateralmente da cultura.

Correlativamente, não é a produção e sua diáde sujeito-objeto que serve de paradigma, mas a troca e sua diáde sujeito-sujeito. Em lugar da série criação, produção e representação, a série transformação, troca e perspectiva.

Eduardo Viveiros de Castro é antropólogo, professor de pós-graduação no Museu Nacional (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e autor de "Amazônia" (Edusp) e "Arawete - Os Deuses Canibais" (Jorge Zahar Editor).

O EVENTO

Vinte e sete filósofos, antropólogos e historiadores brasileiros e estrangeiros participam em São Paulo e no Rio de Janeiro do seminário "A Outra Margem do Ocidente", segundo dos quatro ciclos do projeto "Brasil 500 Anos - Experiência e Destino". No Rio, o ciclo começa em 11 de setembro e, em São Paulo, no dia 14 de setembro.

Organizado por Aduato Novaes e co-promovido pela Funarte, Itaú Cultural e Ministério da Cultura, o encontro vai reunir também representantes de comunidades indígenas brasileiras.

Segundo Novaes, o novo ciclo "se concentra sobre as sociedades indígenas, mas, ao mesmo tempo, busca realizar uma reflexão sobre o impacto pós-descoberto nos campos da filosofia, da política e da cultura europeias".

As inscrições para o seminário estarão abertas a partir da próxima quinta-feira (20/8), no Itaú Cultural (av. Paulista, 149, SP, tel. 011/238-1700), local onde acontecerá o ciclo em setembro. Custam R\$ 30,00 e são limitadas.

No Rio de Janeiro o seminário acontece no Palácio Gustavo Capanema (r. da Imprensa, 16, 5º andar, Centro, tel. 021/297-6116, ramal 246), com inscrições no mesmo local, a partir da próxima sexta-feira.

Conheça a seguir a programação do evento em São Paulo:

- 14/9 - "O Sonho das Origens", Davi Yanomami;
- 16/9 - "O Eterno Retorno do Encontro", Ailton Krenak;
- 17/9 - "A Espera do Outro", Frank Lestringant (França);
- 18/9 - "Narrativa sem Palavras", Márcio Souza;
- 21/9 - "O Itinerário de uma Criança Normanda", Jacques Meunier (França);
- 23/9 - "O Mau Encontro", Marilena Chaui;
- 24/9 - "O Princípio da Tirania", Jean-Michel Rey (França);
- 25/9 - "A Tradição da Liberdade", Miguel Abensour;
- 28/9 - "Entre Memória e História", Patrick Menget (França);
- 30/9 - "O Simbólico e o Político da Guerra", Carlos Fausto;
- 1º/10 - "Nossa Senhora, o Fumo e a Dança", Ronaldo Vainfas;
- 2/10 - "O Enigma das Grandes Cidades", Michael Heckenberger (EUA);
- 5/10 - "Política do Espírito", Patrick Menget;
- 7/10 - "Os Símitos e Deus", Juan Carlos Estenssoro (Peru);
- 8/10 - "O Renascimento Ameríndio", Serge Gruzinkí (França);
- 14/10 - "O Mundo com Afeto", Eduardo Viveiros de Castro;
- 15/10 - "A Natureza Toda e Una", Philippe Descola (França);
- 16/10 - "A Geometria do Corpo", Peter Gow (Inglaterra);
- 19/10 - "O Erotismo do Divino Marquês da Amazônia", Pascal Dible (França);
- 21/10 - "Xamanismo - Ressonâncias e Reverberações", Manuela Carneiro da Cunha;
- 22/10 - "O Índio e a Fundação do Pensamento Político", Sérgio Cardoso;
- 23/10 - "O Céu de Capricórnio e a Tristeza do Brasil", Olgária Matos;
- 26/10 - "Cartas à Segunda Escolástica", Alcyr Pécora;
- 28/10 - "Armas e Armadilhas - A Resistência dos Índios", John Monteiro;
- 29/10 - "O Bom e o Mau Selvagem", Sérgio Paulo Rouanet;
- 30/10 - "Essomeriq, o Índio na Corte", Leyla Perrone-Moisés;
- 4/11 - "Constituições Brasileiras Da Tirania à Tolerância", Carlos Frederico Marés;
- 05/11 - "Narções Indígenas, Que Futuro?", Carlos Alberto Ricardo.

Ciclo ocorre em SP e no Rio

da Redação

As palestras do primeiro ciclo "Brasil 500 Anos" acabam de ser publicadas pela Companhia das Letras e o Ministério da Cultura.

Com o título de "A Descoberta do Homem e do Mundo", o volume organizado por Aduato Novaes inclui textos de Eduardo Viveiros de Castro, Gerd Bornheim, Jorge Coli, Marilena Chaui, entre outros.

O lançamento será na próxima quinta-feira, às 20h, no Itaú Cultural (av. Paulista, 149, SP).